

## OS RACISMOS DA/NA CAPOEIRA

DR. CHRISTIAN MULEKA MWEWA

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/CPTL

DRA. LÍVIA DE PAULA MACHADO PASQUA

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ

DR. MARCELO BRAZ

Universidade de Barcelona – UB/Espanha

DR. JOSÉ LUIZ CIRQUEIRA FALCÃO

Universidade Federal de Goiás – UFG

Como categoria conceitual e empírica, raça não se sustenta no debate socioantropológico. Entretanto, não podemos afirmar que não existe racismo, que, por sua vez, consiste na divisão ou na compreensão da humanidade em “raças” (branco, negro, amarelo/indígena). *Preconceito* é a aceitação dessa divisão (ou a falta do conceito). *Discriminação* é a hierarquização dessa divisão ao subjugar o outro baseado na falta de conceito. É nesse julgamento que estão ancoradas as violências de “raça”, gênero, homofobia, xenofobia, adultocentrismo e deficiências.

Denominamos como *racismos* o conjunto dessas violências que, por sua vez, podem ocorrer em separado ou coletivamente, já que atentam contra as liberdades individuais que constituem o princípio do inciso XLII

do art. 5º da Constituição Federal de 1988, que criminaliza o racismo (Brasil, 2016). Em 11 de janeiro de 2023 foi sancionada a Lei nº 14.532, que tipifica a injúria racial como crime de racismo (Brasil, 2023). Assim, enquanto o racismo é entendido como um crime contra a coletividade, a injúria é direcionada ao indivíduo. Ademais, em se tratando de legislações, ainda há a Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010, que institui o Estatuto de Igualdade Racial, com vistas a combater a discriminação da população negra e outras formas de intolerância étnica (Brasil, 2010).

O contexto da capoeira, com todos os seus elementos constituintes, pode apresentar-se como uma ferramenta capaz de promover, para a sociedade e, em especial, para a população negra historicamente detentora de menores recursos financeiros, o combate às desigualdades sociais e “raciais”.

É com esse intuito que apresentamos o presente dossiê composto de artigos, ensaios acadêmicos e entrevistas (em forma de artigo) a mestres/as e/ou professores/as que atuam no ensino direto da capoeira. Essa articulação pretende subsidiar as suas práticas pedagógicas que potencializam o enfrentamento às discriminações que partem de categorias que subalternizam e violentam “o outro”. Essas práticas aqui podem ser chamadas, de forma genérica, de *racismos*. Portanto, a questão central deste dossiê é: *como empreender práticas pedagógicas, na capoeira, que potencializem a diminuição e a extinção desses preconceitos discriminatórios?*

Na tentativa de responder a essa questão, reunimos neste dossiê intitulado ***Os racismos da/na capoeira: “raça”, gênero, homofobia, xenofobia, adultocentrismo e deficiências*** um conjunto de oito textos que se articulam em torno da problemática dos preconceitos discriminatórios. Podemos dizer que a variedade dos títulos dos artigos indica a potência das reflexões sobre o tema anunciado.

Para instigar a leitura do presente documento sobre e com a capoeira (campo e objeto), vale a pena citar os títulos que compõem este dossiê: (1) *Capoeira e as vicissitudes da cultura de negro/a: os racismos termitentes*; (2) *Uma rasteira no preconceito racial e de gênero no jogo da capoeira*; (3) *Inclusão e descolonização da capoeira a partir de mulheres capoeirista*;

(4) *Golpe de mestra: conduta e práticas pedagógicas na capoeira*; (5) *La capoeira y la inclusión social de personas adultas en una realidad compleja. una experiencia práctica*; (6) *CAPS paranauê: a capoeira na clínica das psicoses*; (7 e 8) *O silenciamento da capoeira e o racismo religioso nas aulas de educação física escolar*.

Como pode ser percebido, os temas abordam questões sobre *racialização*, gênero, inclusão e religiosidade. Neste sentido, podemos dizer que o dossiê abarca reflexões que indicam *potencialidades, percepções e práticas pedagógicas* a partir e para além das dimensões preconceituosas que desembocam em diferentes níveis de discriminações. Tais discriminações podem ser manifestas ou veladas, cujos agentes podem se tornar cúmplices quando se silenciam diante do inominável. Em uma palavra, *violência*.

Problematizar essas questões, em alguma medida, é também incumbência dos/as agentes da capoeira, considerando o seu papel social de promover discussões dessa realidade por meio das suas ações. Em outras palavras, as práticas dos/as agentes da capoeira devem ser úteis para implementar tecnologias sociais que partem do contexto da capoeira de forma orgânica.

Acreditamos que as práticas pedagógicas, no contexto da capoeira, podem promover a dignidade no desenvolvimento do percurso dos/as seus agentes, não só para alguns (os mestres). Na capoeira também se conjuga a matemática de menos (os mestres) com mais e de muitos (os/as alunos/as) com menos voz no interior do seu universo. Esperamos que as discussões aqui apresentadas tensionem esta máxima.

Boa leitura e Axé!

Os/a organizadores/a.